

## O sítio dos sonhos. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Após vários meses percorrendo sites de imóveis, o médico Rogério se deparou com “aquela proposta” irrecusável, uma linda casa de campo na região metropolitana da capital. Com 3.500 metros de loteamento e 400 de área construída, o sítio tinha 2 quartos, 2 suítes, 2 banheiros sociais, sala de estar e jantar, cozinha. Na área externa, havia piscina, sauna e espaço gourmet. Tudo perfeito, casa mobiliada. Era pegar ou largar!

O verdadeiro sonho de consumo de Rogério.

Ele visitou o local algumas vezes, mas ainda estava em dúvida se fecharia ou não aquele “negócio da China”, por ser um valor bem abaixo da tabela de mercado.

Conversou com a esposa, parentes e amigos e a resposta era mais ou menos a mesma: “o que está esperando? Alguém comprar no seu lugar? Você vai se arrepender depois, viu?”

Uma semana após a consumação do negócio e o dinheiro já depositado na conta do proprietário, José Luiz, Rogério foi explorar o quintal da casa.

— Que mau cheiro insuportável é esse? — Perguntou logo de cara ao vendedor, que desconversou.

Ele não respondia aos questionamentos, como se não houvesse uma catanga existente.

O médico iniciou uma busca, guiando-se pelo mau cheiro até que encontrou algo estranho no gramado ao fundo do lote. Parecia que a terra estava revirada e, em tentativa de encobrir algo suspeito, uma grama foi plantada no local. Ela ainda nem estava totalmente segura no solo.

— É daqui! O que tem aí embaixo, José Luiz?

— Não se preocupe, Rogério. Eu faço compostagem de todo o lixo da cozinha.

— Isso fede a carniça! O que está acontecendo aqui? Eu sou médico, entendo bem de mau cheiro de corpo em estado de putrefação.

— E eu sou um consumidor voraz de carne, se é que você me entende. Vamos deixar isso para lá, não é? Amanhã, voltaremos aqui e você vai ver, o mau cheiro já passou. Toda vez é assim, depois “some”.

— Não sei, não, José Luiz. Isso é coisa podre e o espaço revirado não é pequeno.

Conversa vai, conversa vem, os dois saíram da casa e Rogério estava disposto a investigar por conta própria.

Tentou de todo o jeito conseguir as chaves do “seu imóvel” ainda que não tivesse sido passado o documento em cartório. O vendedor desconversou:

— Promessa para mim é dívida, Rogério. Hoje é quinta. No domingo, terminarei de levar as minhas coisas pessoais e, na segunda, assim que passarmos a escritura no cartório, eu te entrego as chaves lá mesmo, combinado? Então vamos embora?

O médico fingiu que concordou ao se despedir do vendedor. Sem dizer nada a família, decidiu voltar ao sítio de madrugada. Pularia o muro e vasculharia o local, escavando onde a terra estava revirada.

Assim o fez às 2 horas da manhã. Sorte a dele que o sítio não estava localizado em condomínio fechado. Parou o carro algumas quadras acima da rua da casa. Foi pelos fundos do lote. Rogério usava uma roupa preta e levava apenas uma enxada pequena (de criança) e o celular com a intensidade baixa da luz da lanterna.

Por uns 20 minutos, cavou. A menos de 30 centímetros da superfície, percebeu algo duro, estranho. Ao iluminar, tomou um “choque”. Era um pé, já quase preto, e com sinais de decomposição.

“Isso não é possível!” — Pensou rápido e se segurando para não gritar.

Inverteu a escavação, foi para o outro lado, “de cima” no gramado. Cavou mais rápido porque não queria acreditar que tudo aquilo pudesse ser verdade. E era! Descobriu a cabeça, de uma mulher, praticamente preta, cheia de larvas.

“Desgraçado! José Luiz está ocultando um cadáver aqui. Quem é esta mulher, meu Deus?”

Agiu rápido, tirou várias fotos das partes desenterradas do corpo. Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho dentro da casa. Ele se escondeu atrás de uma árvore, para ver se alguma luz estava acesa. Nada!

Voltou para a grama, tratou logo de jogar a terra de volta aos buracos desenterrados; pulou o muro dos fundos e se mandou para a casa.

Talvez o dinheiro da compra estivesse perdido, mas a sua reputação não poderia ser colocada à prova! Era preciso denunciar José Luiz por ocultação de cadáver. Se ele era o assassino, não era possível saber. Um caso de polícia!

Voltou para a casa. Quando saiu do carro e foi lavar os pés na porta da garagem, percebeu que havia esquecido o celular ao lado da cova. Era impossível voltar ao sítio.

“Estou perdido, mas tenho que fazer a denúncia.” Ele não conseguiu dormir. Apenas cochilava por alguns minutos e acordava com o corpo da mulher se levantando da cova no quintal.

Às 7 da manhã, foi à delegacia fazer a denúncia. Ao chegar ao local, outro “choque”:

— Você por aqui, José Luiz?

— Como não, doutor? Alguém entrou no meu sítio então vim fazer a denúncia por invasão de propriedade.

— Então o barulho era você?

O delegado chegou à recepção, interrompendo uma discussão que não iria acabar bem:

— O que temos aqui, senhores?... Quais os nomes, por favor?

— Rogério Ribeiro Neto, médico.

— José Luiz, o...

— Ocultador de cadáver, delegado!

— Como é que é, seu doutorzinho?

— Vamos para a minha sala agora! — Gritou o delegado.

Dentro do gabinete, a discussão recomeçou:

— Eu vim aqui fazer uma denúncia de ocultação de cadáver e registrar o sumiço do meu celular.

— Este aqui, Rogério? — O vendedor mostrou o aparelho sujo de terra. — E eu, delegado, denuncio este homem por invasão de propriedade!

O bate-boca estava instalado e uma chuva de insultos caía até sobre o delegado que novamente aumentou a voz:

— Afinal, o que aconteceu? Eu não estou entendendo coisa alguma. Eu preciso de ordem nisso aqui ou os dois vão presos por desacato. Por onde começamos? Pelo José Luiz que chegou primeiro!

— Este homem invadiu a minha propriedade, delegado!

— Alto lá! Eu comprei a casa à vista, o depósito já está feito. Por sorte tenho um comprovante dele aqui.

— Mas eu não passei a escritura ainda!

— Então é invasão, sim, doutor Rogério. — Disse o delegado.

— Mas ele sepultou uma mulher nos fundos do terreno. O corpo já está em estado de putrefação!

— Então temos outro crime, agora em sua propriedade, José Luiz!

— Mas a casa não é dele. É minha. O sítio dos meus sonhos. E eu não matei ninguém! — Falou o médico. — Tenho as fotos do corpo no celular.

— Como você tirou as fotos, doutor?

— Tentei pegar as chaves com este vendedor, mas ele nunca deixava. Senti um cheiro muito forte de carniça e perguntei, ele desconversava. Resolvi investigar por minha conta e encontrei o cadáver da mulher...

— Invadindo a casa alheia, doutor Rogério? Dê cá o celular sujo, José Luiz!

O delegado verificou o celular:

— Não há fotos aqui.

— Seu desgraçado, apagou a minha galeria? — E voltou-se para o delegado:

— Ele deve ter matado a mulher, namorada ou sei lá quem e escondeu lá no sítio. Eis o motivo do preço tão barato pelo imóvel!

— Que absurdo você está dizendo, doutor? Prefere acreditar nisso, delegado? Esse homem está com problemas de memória. Ele invadiu a minha casa, levou o corpo para lá e agora tenta me incriminar.

O delegado não sabia em que acreditar. Ao ouvir tamanho absurdo como um ocultador de cadáver, Rogério tem uma dor forte no peito e desmaia, caindo da cadeira. José Luiz não se importa com a situação e joga o celular sujo no chão, pisando forte nele até quebrar o aparelho.

— Acorda, doutor! — Gritou o delegado.

— Acooooooooooordá, doutor. — Disse um colega da enfermaria.

Rogério, assustado, levanta da maca no dormitório do hospital:

— Caramba! Não fui eu quem matou a mulher, não foi! Eu só queria comprar o sítio dos meus sonhos.

— Doutor, foi só um pesadelo, certo? Dormiu pesado, né? Em 30 minutos, o senhor deve pegar o próximo plantão. O melhor a ser feito é: tome um banho para relaxar. Isso faz uma enorme diferença para o senhor.

---